

**LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF**

Submetido em: 9/10/2024

Aceito em: 2/10/2025

Publicado em: 10/11/2025

Claudio Noel de Toni Junior<sup>1</sup>

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Direitos Humanos e Democracia. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<http://dx.doi.org/10.21527/2317-5389.2025.26.16531>

**RESUMO**

A interdisciplinaridade entre a teoria crítica, a literatura e os estudos culturais tem, nas últimas décadas, se afirmado como um campo de investigação fecundo para o debate sobre o corpo, o gênero e as relações de poder na sociedade contemporânea. Este artigo propõe uma análise aprofundada sobre a possibilidade de interposição de discursos de gêneros literários diversos, articulados a partir de um enunciado e de um contexto real historicamente situado. Lançamos um olhar comparativo e intertextual que reúne as contribuições teóricas de Michel Foucault, especialmente na relação entre saber e poder, com a obra de Virginia Woolf, cuja textualidade e subversão dos paradigmas de gênero ganham ímpeto na narrativa de Orlando. A metodologia considerou levantamento bibliográfico qualitativo, análise documental e análise comparativa da representatividade

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Araraquara/SP, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-5374-8475>

**LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF**

das precursoras do estudo do corpo transexual nas figuras de Lili Elbe, Christine Jorgensen, internacionalmente e Valdirene, no contexto brasileiro e no personagem Orlando, narrativa literária de Virginia Woolf. Podemos compreender que na década de 1920, Woolf compreendia as barreiras e dificuldades que as pessoas trans enfrentavam e iriam enfrentar no decorrer dos anos, onde a ficção representa a realidade vivenciada.

**Palavras-chave:** Discursividade na literatura. Conhecimento-poder. Orlando. Caso Valdirene.

**LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN, AND VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS BY VIRGINIA WOOLF**

**ABSTRACT**

In recent decades, the interdisciplinarity between critical theory, literature, and cultural studies has established itself as a fertile field of research for the debate on the body, gender, and power relations in contemporary society. This article proposes an in-depth analysis of the possibility of interposing discourses from different literary genres, articulated from a statement and a real, historically situated context. We take a comparative and intertextual look that brings together the theoretical contributions of Michel Foucault, especially in the relationship between knowledge and power, with the work of Virginia Woolf, whose textuality and subversion of gender paradigms gain momentum in the narrative of Orlando. The methodology took into account qualitative bibliographic research, documentary analysis, and comparative analysis of the representativeness of the precursors of the study of the transsexual body in the figures of Lili Elbe, Christine Jorgensen, at the international level, Valdirene, in the Brazilian context, and the character Orlando, a literary narrative by Virginia Woolf. We can understand that in the 1920s, Woolf understood the barriers and difficulties that transgender people faced and would face over the years, where fiction represents the reality experienced.

**Keywords:** Discursivity in literature. Knowledge-power. Orlando. Valdirene case.

## 1. INTRODUÇÃO

O tema da transexualidade tem ganhado relevância no cenário acadêmico, cultural e político, sobretudo no Brasil, onde a violência e o preconceito marcam a trajetória diária das pessoas trans. Ao mesmo tempo, obras literárias e teóricas, como “Orlando, a biografia” (2021), cuja primeira publicação ocorreu em 1928, e “Orlando: Minha biografia política” (2023), oferecem um olhar singular acerca da fluidez de gênero, desafiando estruturas normativas.

Em igual magnitude, as narrativas de figuras como Lili Elbe, Christine Jorgensen e Valdirene, ao serem combinadas no protagonismo do século XX, cada uma em sua singularidade, demonstram as diversas formas de vivenciar e expressar a identidade de gênero, contribuindo para um entendimento amplo da experiência trans, destacam Rodrigues, Carneiro, Nogueira (2021).

Assim, as descobertas centrais evidenciam as intersecções entre teoria e prática, destacando a importância de reconhecer e celebrar a diversidade na expressão de gênero, enquanto criticam as normas que marginalizam os corpos indesejados e reforçam estigmas sociais.

No centro desta análise encontra-se a problemática do “corpo indesejado” ou “corpo sem valor”, mencionado por Bento (2021), um conceito que, ao mesmo tempo em que denuncia corpos historicamente marginalizados, revela-se uma metáfora para a subversão de discursos normativos. A obra Orlando de Virginia Woolf (2021), com sua narrativa fluida e a transformação do protagonista ao mudar de sexo enquanto dorme, destaca a distopia dos gêneros e a forma como o corpo, menciona Vidler (2014) em sua materialidade e simbologia, pode ser ressignificado por meio de discursos variados. O pensamento foucaultiano reforça essa discussão ao criticar as relações de poder nas formações históricas do saber, que geram dispositivos disciplinares e normatizações dos corpos (Foucault, 2021).

Conforme Rodrigues, Carneiro, Nogueira (2021), as narrativas de Lili Elbe, Christine Jorgensen e Valdirene podem ser agrupadas para enfatizar as experiências diversas de

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

identidade de gênero, todas ilustrando a complexidade da vivência trans e a luta contra a marginalização. Como resultado, observamos que as obras discutidas não apenas questionam normas estabelecidas, mas abrem espaço para novas interpretações e aceitações da identidade. Em compêndio, as descobertas centrais ressaltam a intersecção crítica entre corpo, gênero e poder, salientando a importância de reconhecer as vozes historicamente silenciadas e a transformação dos discursos sociais.

Para Caprioli (2018), a confluência das narrativas propostas por diversos autores da Análise do Discurso (AD) e da Literatura está em primeiro plano para compreender o entrelaçamento entre ficção literária e crítica política na representação das experiências sociais no objeto de argumentação. A relevância desta análise reside na necessidade de resgatar a história e as lutas da população trans, neste trabalho, bem como promover uma cultura de visibilidade e aceitação, sem negar seu passado, para aprender os motivos que levam os corpos trans serem considerados abjetos pela mortandade letal global, mas principalmente no Brasil, é importante resgatar a história destes sujeitos e de quem narra estes sujeitos.

Nos últimos anos, conforme o panorama da população trans no Brasil, observa-se que o país lidera o número de mortes no mundo ocidental, registrando cerca de 1/3 de homicídios e suicídios, quando possui somente 3% da população mundial, sendo o líder mundial de mortes contra a população trans pelo décimo sexto ano consecutivo, conforme dados da Associação Brasileira de Travestis e Transexuais (Antra) e do *Transgender Europe*,<sup>2</sup> conforme Benevides (2024).

O objetivo geral da obra é analisar o entrelaçamento entre as personagens Orlando, a biografia” de Virginia Woolf, “Orlando: Minha biografia política” de Paul Preciado, além

---

<sup>2</sup> O *transgender Europe* (2025), com sede em Berlim, mensura dados de mortes de pessoas trans, especialmente nos países ocidentais e no sudeste asiático, visto que em muitos países da África e da Ásia, a homo e transexualidade é punida com pena de morte, inclusive. Estes países não constam na mensuração, sendo considerados países que não respeitam o tratado de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU). Para mais detalhes de países que punem a homo-transsexualidade com a morte ou com reclusão carcerária, verificar dados da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais (ILGA) que publica dados sobre a situação dos direitos LGBTQIA+ globalmente, com relatórios como o de 2020 sobre homofobia patrocinada pelo Estado e pesquisas institucionais, revelando que mais de 50 países têm leis que criminalizam a expressão de sexualidade com penas de morte, detenção, reclusão ao expressar a identidade de gênero não heteronormativa, ao impor barreiras legais à organização de grupos LGBTQIA+ mediante mapas temáticos. Fonte: <https://ilga.org/ilga/world-maps/>

**LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF**

das precursoras das cirurgias de redesignação sexual no mundo , Lili Elbe, a primeira mulher trans a realizar a transição de gênero, porém não documentada em sua totalidade, Jorgensen, a primeira pessoa trans a realizar a transição de forma protocolar com menção de técnicas e dos resultados obtidos e Valdirene, a primeira mulher trans no Brasil a gerar repercussão e curiosidade na sociedade , décadas depois em razão do médico que realizou o procedimento, o Dr. Roberto Farina ter sido denunciado e posteriormente condenado em primeira instância na década de 1970, a prisão, pelo crime de lesão corporal grave e posteriormente absolvido pela repercussão mundial que o caso gerou.

Os objetivos específicos são: a) examinar a construção literária e teórica nos planos literários e da Análise do Discurso (A.D.) das identidades de gênero presentes em ambas as obras e nas protagonistas, destacando a crescente representação da população trans na literatura contemporânea brasileira e estrangeira. b) analisar a influência dos discursos literários e políticos no reconhecimento e na luta pelos direitos da população trans, c) investigar a evolução dos debates sobre transexualidade no Brasil, desde o Caso Valdirene, com o discurso contemporâneo das práticas médicas sobre o corpo, as exigências médicas atuais para a cirurgia de redesignação sexual e os índices de violência que esta comunidade enfrenta atualmente, sendo discursos e linhas de força de poder que advêm da História, desde antes de Valdirene, mas têm em si, uma representação articulada de a subjugar como um corpo não desejável, conforme Stryker (2014).

Desta forma, a transfobia brasileira não se inicia no Caso Valdirene, mas no acontecimento que seu caso repercutiu. As instituições de poder mostraram seu domínio contra seu corpo pelo acontecimento da cirurgia que realizou, com a alegação de que estava adotando práticas contra a moral e os bons costumes de uma sociedade heteropatriarcal, podendo gerar motivação em outras pessoas e outros médicos na realização dos procedimentos, o que do outro lado do poder, queria-se interditar este acontecimento com punição exemplar, para que ninguém ouse a desafiar o poder do Estado, relações de força de ontem e de hoje, pela violência que seu corpo e outros corpos são desafiados.

## 2. DIREITOS HUMANOS E GÊNERO

Acontecimentos estes, que em 2019, os desafios culturais e de dignidade humana, contidos no artigo V da Constituição brasileira de 1988 (Brasil, 1988) e nos tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário, como o Pacto de San Jose da Costa Rica da Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), o Supremo Tribunal Federal (STF) instituiu a Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO26) em razão dos altos índices de homicídios, utilizando dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e pela *Transgender Europe* (2025) para proteção da dignidade, do decoro e do direito à vida da população transgênera.

A mescla da abordagem qualitativa e quantitativa por meio de revisão de literatura de obras que versam sobre o tema *sex and gender* com dados estatísticos de instituições que mensuram a qualidade de vida da população trans no âmbito interdisciplinar ao abordar a literatura e a AD como elementos de construção de discursos sobre Direitos Humanos de uma categoria da população que há séculos espera por emancipação, por menos linguagem na teoria e maior praticidade no que está no ordenamento jurídico, visto que o Brasil, mesmo sendo um país democrático, se equipara a uma nação onde o Estado mata e incrimina pessoas não heteronormativas, conforme os estudos da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais (ILGA). E como mudar esta situação? Visto que, mesmo com a intervenção do Supremo Tribunal Federal (STF) em 2019, a quantidade de mortes não parou de aumentar, conforme Benevides (2024). O Brasil continua sendo o país mais letal para pessoas trans, bem como, até o momento, o Congresso permanece inerte na criação de leis ordinárias federais próprias em defesa das pessoas transgêneras no seu principal valor, a vida.

A partir das análises desenvolvidas, emerge uma teia complexa de relações entre os discursos sobre corpo, gênero, identidade e poder. O documentário de Preciado (2023) constitui um ponto de ruptura importante, por expor a experiência pessoal da transformação corporal como um ato político e existencial.

A análise das obras de Woolf (2021) e de Preciado (2023), a partir dos dados e relatos sobre a realidade trans no Brasil, aponta para a necessária promoção de uma cultura que

valorize a diversidade. Em um cenário no qual se reconhecem elevados índices de homicídios e suicídios e a invisibilidade política da e para a população trans, a emergência por mudanças estruturais torna-se evidente.

Por exemplo, diversas iniciativas empresariais têm surgido. Para Sartori (2022), ao buscar criar espaços de trabalho inclusivos, como o programa de capacitação de pessoas trans promovido por empresas mediante parcerias como o TransEmpregos, uma instituição do terceiro setor os quais tem a função de incluir pessoas deste gênero no mercado formal de trabalho, com um banco de currículos no qual as pessoas fazem seu cadastro *on line* e a instituição irá procurar conforme o perfil profissional e educacional, o emprego que possui as melhores oportunidades para cada pessoa, sendo que, muitas pessoas trans no Brasil conseguiram seu primeiro emprego ou se reinserir no mercado de trabalho pela ação social do TransEmpregos, quebrando estigmas que a pessoa trans somente pode exercer atividades informais como cabeleireiras e manicures, por exemplo, enfatiza (Rocha, 2017).

Essa intersecção textual se fundamenta na ideia de que a desconstrução dos modos de ser e de sentir impostos pela cultura dominante pode abrir caminho para a criação de novas formas de subjetividade, que se manifestem de maneira indolor e afirmativa. Tal processo, que se vale tanto das técnicas narrativas quanto dos recursos discursivos, é importante para a compreensão das dinâmicas de poder e para a construção de novos espaços simbólicos (De Lima Carvalho, Menezes, 2021).

### **3.OS DIVERSOS ORLANDOS NA CONTEMPORANEIDADE ATEMPORAL**

Michel Foucault (2022), em sua obra Arqueologia do Saber, descreve o enunciado como a unidade mínima do discurso em um contexto que favorece certas formas de saber e poder. O arquivo, ao invés de ser estático, representa um campo dinâmico onde os discursos interagem e se reconfiguram, enquanto a acontecimentalização se refere ao modo como eventos históricos adquirem sentidos múltiplos, permitindo a emergência de novas narrativas e reinterpretando paradigmas estabelecidos.

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

Orlando, Lili Elbe, Christine Jorgensen e Valdirene ilustram essa fluidez e subversão, destacando experiências que desafiam a normatividade e expandem as concepções sobre identidade de gênero. Juntas, suas narrativas elucidam como a transformação pessoal pode questionar e reconfigurar os discursos hegemônicos.

As principais descobertas ressaltam a interconexão entre os conceitos de gênero e corpo, a flexibilidade nas narrativas de identidade e a importância dos espaços discursivos onde novas subjetividades podem emergir e desafiar a normatividade cultural.

Ao conectar o pensamento de Foucault (2021) com a narrativa de Woolf (2021), observa-se que a produção de discursos perpetua a normatividade dos corpos, ao mesmo tempo em que possibilita a emergência de vozes que desafiam a hegemonia do saber-poder. A resistência simbolizada pela mudança de sexo ao dormir reflete uma subversão das normas estabelecidas, uma heterotopia, um lugar outro, permitindo a reconfiguração de subjetividades e identidades. Essa relação dialética resulta numa crítica aos mecanismos disciplinares que definem quais corpos são dignos de exibição e quais são relegados à marginalidade, destaca Vidler (2014).

Isto porque a transfobia em países periféricos, conforme Toni Junior (2024), é velada, ela entra no corpo pela subjetivação de quem agride e sabe que não deixará pistas para ser punido nas casas, nas ruas e nas instituições. Ato de transfobia nestes países acontecem especialmente pela não aceitação dos pais, dos irmãos e pela indiferença dissimulada na opinião alheia, de instituições opressoras da religião, de que o outro, o “normal”, possui mais direitos por ter uma família, uma vida a construir e um legado a deixar, fazendo com que a (in)existência das pessoas transgêneras esteja em uma condição de piedade, de loucura, de uma doença que possa ser curada pelo evangelho e de uma vida sem perspectivas futuras, sem legado, sem descendência, sem família que não seja a ascendente para a evolução do território pelo progresso técnico.



### 3.1 O Estado e a Ciência como instituições formais de definição do corpo em busca da “verdade”

São as táticas de força, de verdade, de como se portar diante das coisas que fazem com que o sujeito possa ter uma vida equilibrada, sem enganos, com sua criticidade no fato de que as pessoas vulneráveis dentro de si, em comunidade, criam suas próprias táticas discursivas de luta contra quem os ataca, independente do objeto que os ataca, sempre há formas de construir barreiras contra a violência em poder manter e assentar sua vida na existência da ética e da moral, iniciando pelo saber (Foucault, 2010).

No artigo *Sexualidade e política* (Foucault, 2012, p. 27), ao falar da França e do Ocidente, afirma Foucault:

Para os franceses, o sexo do homem é literalmente o atribuído ao homem; os homens se identificam com seu sexo e mantêm relações absolutamente privilegiadas sobre ele. Este é um fato incontestável. Assim, as mulheres se beneficiam do sexo masculino unicamente no caso em que este direito lhes é concedido pelos homens, seja porque eles o emprestaram ou porque os impõem a elas; daí a ideia de que o gozo masculino está em primeiro plano e de que ele é essencial. (Foucault, 2012)

Antes de sua transição de gênero, ainda como homem, o nobre Orlando se desloca para a cidade de Constantinopla para a conquista de terras e riquezas para o reino inglês contra os povos considerados “incultos”, fato este que, no livro, possui três filhos com Pepita, representando a aristocracia colonial inglesa.

Foucault (2020a) destaca como os discursos científicos, médicos e legais atuam em conjunto para categorizar e regular os corpos, transformando-os em objetos passíveis de controle e vigilância. Essa dinâmica se revela, portanto, como um campo de disputa entre a normatização e a possibilidade da subversão. Ao examinar o documentário de Preciado (2023), percebe-se uma tentativa de expor e, ao mesmo tempo, desconstruir as imposições biopolíticas que historicamente moldaram as experiências de gênero. Preciado (2023) utiliza seu próprio corpo como um campo de experimentação, evidenciando que a

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

transformação e modificação não são somente possíveis, mas necessárias para a superação dos mecanismos de exclusão e repressão.

Essa perspectiva possibilita uma releitura da corporeidade, onde o corpo não é meramente passivo, mas um ator ativo na construção de novas realidades sociais e políticas. Ao mesmo tempo, a análise foucaultiana lança luz sobre os mecanismos de resistência e de subversão que emergem quando o indivíduo se recusa a ser definido por padrões pré-estabelecidos (Bento, 2021).

O Brasil possui uma tradição de práticas confessionais, de acordo com Foucault (2020b), que historicamente instaurou um discurso normativo rígido sobre o corpo e o gênero. Nessas práticas, o corpo é frequentemente entendido como algo a ser exposto, confessado e regulado por preceitos morais herdados de uma herança colonial e religiosa. O desafio proposto pela modificação do corpo, seja por intervenções estéticas, terapêuticas ou tecnológicas-cirúrgicas, consiste justamente em romper com essa tradição de autoexposição e submissão. Sobre o tema da confissão, menciona Foucault:

Estou sentindo que estamos atingindo aí, para você, como para mim e para todo mundo, a questão fundamental: não busco contribuir, com esta noção de confissão, um quadro que me permitiria reduzir tudo ao mesmo, dos confessores a Freud. Ao contrário, como em *As palavras e as coisas*, trata-se de aparecer melhor as diferenças. Aqui, meu campo de objetos são só esses procedimentos de extorsão da verdade... (Foucault, 2014, p. 65).

Quando se fala em “acordar de forma indolor com o sexo modificado”, especialmente no contexto brasileiro, evidencia-se a necessidade de uma transformação cultural que permita a valorização do corpo como um instrumento de liberdade. Esse despertar não deve ser encarado como uma mera permissividade aos excessos de uma modificação estética, mas sim como uma oportunidade para ressignificar a própria identidade em uma sociedade que, por tanto tempo, condicionou o sujeito a padrões confessionais e normativos. A transformação corporal é entendida como um ato político que desafia a tradição e propõe um novo modo de existência, um modo de viver o corpo e o gênero fluidamente, conforme Watkins (2023).

Em “A via crucis do corpo”, Clarice Lispector (2020) emprega uma linguagem que transcende a literalidade do corpo físico, alicerçada em simbolismos e metáforas que

sugerem uma condição de corpo penoso, marcado pela angústia existencial. Essa abordagem reflete a condição dos corpos considerados indesejados, pois estes, ao se afastarem do ideal normativo de beleza e funcionalidade, assumem posições de exclusão tanto na esfera simbólica quanto na prática social. A autora, portanto, problematiza o conceito de “normalidade” e o impacto que essa imposição exerce sobre a subjetividade humana.

Dialoga com a temática dos corpos não normativos, conforme Rodrigues (2021), ao explorar narrativas que desafiam os padrões impostos pela sociedade. A obra utiliza recursos narrativos para evidenciar a fragmentação do corpo como um espaço marcado por cicatrizes, tanto físicas quanto simbólicas, que contam histórias de sofrimento, resistência e transformação. Ao enfatizar o aspecto do corpo como um *locus* de significados, propicia uma leitura crítica sobre como os corpos “desviantes” ou “indesejados” são continuamente marginalizados e reconfigurados por forças sociais que privilegiam um ideal estético e de funcionalidade aceita.

A discussão sobre corpos indesejados e não normativos transcende a área estética e alcança o campo das relações de poder e de políticas públicas. Ao desvelar a complexidade inerente à manifestação do corpo em contextos de marginalização, tais obras revelam a importância de ampliar os discursos acadêmicos e sociais a respeito da corporeidade e das diversidades. A desconstrução da hegemonia dos padrões normativos torna-se, assim, um imperativo ético e político que busca legitimar as múltiplas formas de existência corporal, promovendo uma reconfiguração inclusiva e humanizadora nas instituições culturais e sociais.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 Casos Emblemáticos e a Ressignificação dos Corpos**

Os casos de transformação e resistência dos corpos—incluindo as experiências reais de Lili Elbe, Christine Jorgensen e Valdirene e a fictícia de Orlando—reforçam a argumentação de que o corpo, enquanto entidade social, é continuamente ressignificado.

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

Essas histórias exemplificam a luta contra as imposições normativas e a busca por reconhecimento e dignidade. As descobertas centrais revelam como a interseção entre saber e poder molda as narrativas sobre o corpo, destacando a importância da resistência e da reconfiguração identitária em contextos diversos (Rodrigues, Nogueira, 2021).

Lili Elbe, de acordo com Morales (2022), foi uma das primeiras pessoas a se submeter a cirurgias de redesignação sexual, a partir do início do século XX. Seu processo de transição, documentado de forma fragmentária na época, permitiu avanços significativos tanto na compreensão clínica da transexualidade quanto no desenvolvimento de técnicas cirúrgicas. Os procedimentos realizados por cirurgiões europeus da época, embora experimentais e arriscados, abriram caminho para o debate sobre a importância do reconhecimento dos cuidados médicos na questão da redesignação sexual de gênero e a implementação de protocolos de atendimento que combinassem cuidados médicos, psicológicos e sociais de forma voluntária, conforme Borba (2016).

O relato médico da época indicava que os procedimentos envolveram intervenções invasivas, com técnicas que hoje seriam consideradas rudimentares, mas que, para então, simbolizaram um salto importante na tentativa de compatibilizar o corpo com a identidade. Aspectos como a utilização de anestésicos, as complicações pós-operatórias e a necessidade de cuidados de longo prazo evidenciaram a complexidade deste tipo de intervenção. Ainda que sua trajetória tenha sido interrompida tragicamente, após a tentativa de um transplante de útero, quando morre em 1931, deixou seu legado pioneiro como marco para a evolução das terapias afirmativas de gênero e para o desenvolvimento dos estudos interdisciplinares sobre a transexualidade.

Destaca Docter (2012), Christine Jorgensen foi outra figura proeminente cuja transição ganhou amplo destaque na mídia e na comunidade científica, especialmente na década de 1950. Seu processo de redesignação sexual ocorreu em um contexto de transformações sociais e políticas, quando a circulação de informações sobre o tema ainda era escassa. Por meio de um rigoroso acompanhamento terapêutico e de uma abordagem cirúrgica inovadora para a época, Jorgensen passou por uma série de procedimentos que foram amplamente documentados e analisados, contribuindo para a disseminação do

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

conhecimento sobre os aspectos técnicos, fisiológicos e psicológicos envolvidos na transição que existem até hoje.

A experiência de Christine Jorgensen permitiu a criação de narrativas que refletiam a necessidade de intervenção médica e a urgência de reconhecer e legislar sobre os direitos das pessoas trans. A visibilidade de seu processo impulsionou o debate sobre a identidade de gênero no campo da saúde e da Justiça permitindo que pesquisas posteriores abordassem questões como a adequação da terapia hormonal e o impacto dos procedimentos cirúrgicos na qualidade de vida dos pacientes. Estudos contemporâneos frequentemente reavaliam seu caso, identificando avanços e retrocessos no conhecimento científico, bem como a relevância dos desdobramentos sociológicos e éticos emergentes a partir de sua experiência (Docter, 2013).

Ambos os casos, embora ocorridos em espaços de tempo diferentes, possuem pontos convergentes no que diz respeito ao pioneirismo e à complexidade dos processos de transição. A trajetória de Lili Elbe, destaca Morales (2022), evidencia os riscos e desafios inerentes às primeiras tentativas de adequação corporal à identidade de gênero, sob condições médicas precárias e com limitada compreensão dos mecanismos hormonais e anatômicos. Por outro lado, o caso de Christine Jorgensen representa a consolidação de métodos cirúrgicos e terapêuticos mais refinados, aliados a uma crescente atenção à dimensão psicológica da transexualidade.

Do ponto de vista científico, esses relatos demonstram a importância de uma abordagem interdisciplinar que combine medicina, psicologia, sociologia e estudos de gênero. Eles ressaltam a necessidade de métodos de avaliação e tratamento que considerem, além dos aspectos físicos, a saúde mental e o bem-estar geral dos indivíduos em processo de transição. A evolução dos protocolos médicos, aliada ao avanço das políticas de Direitos Humanos, ajudou a criar um ambiente mais favorável para a realização de estudos e práticas terapêuticas que respeitem a identidade e a dignidade das pessoas trans.

No cenário da medicina brasileira, a operação pioneira em Valdirene, conforme De Carvalho (2014), representou uma virada de paradigma. Em um tempo em que a compreensão das questões relativas à identidade de gênero ainda encontrava barreiras

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

culturais e científicas equiparado ao modelo do “transexual verdadeiro stolleriano”, Valdirene teve seu corpo raptado, violado, fotografado como um “eunuco” nas palavras do judiciário brasileiro, como um corpo abjeto do travesti-fetichista, conforme Stoller (2018). A intervenção cirúrgica buscou alinhar os aspectos biológicos e psicossociais em prol de uma melhor qualidade de vida para a paciente. A escolha dos procedimentos e a complexidade da cirurgia exigiram o emprego de técnicas inovadoras, bem documentadas na literatura médica emergente da época, através de legislação legal a partir de 1997, quando inicia no Brasil, a autorização para que se faça cirurgias de redesignação sexual, conforme Teixeira (2013).

Do ponto de vista técnico, a cirurgia envolveu a reconstrução de tecidos moles, a reconfiguração anatômica e a implementação de procedimentos minimamente invasivos, quando possível, para reduzir riscos e acelerar a recuperação. A equipe médica envolvida necessitou de um planejamento interdisciplinar, combinando conhecimentos de endocrinologia, cirurgia plástica e urologia. Cada etapa do procedimento foi meticulosamente registrada, contribuindo para a fundamentação científica que orientaria futuras intervenções na área de transição de gênero.

O envolvimento do Dr. Farina, médico e professor neste processo realçou um conflito entre práticas médicas e a ética profissional vigente. A condenação do médico, posteriormente, suscitou debates intensos sobre a autonomia do paciente, o consentimento informado e a responsabilidade médica. Em um contexto de emergente reconhecimento dos direitos das pessoas trans, a atuação do Dr. Farina foi minuciosamente avaliada sob a ótica legal e bioética, levantando questões sobre os limites da intervenção médica e as implicações de práticas controversas, relatam Chaves, De Jesus Bertolino (2022).

A condenação implicou não somente sanções pessoais e profissionais, mas também um impulso para a revisão dos protocolos clínicos e regulamentares no Brasil, levando a uma reestruturação dos critérios de avaliação e acompanhamento de cirurgias de redesignação sexual. Quem o condenou foi a sociedade punitiva institucional por não estar nas normas do “homem de bem” de uma sociedade punitiva, conforme Foucault (2016).

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

O caso reverberou além das fronteiras nacionais, abrindo espaço para debates em congressos internacionais e na literatura científica. É notório como a discussão em torno dos direitos trans, combinada com a análise dos aspectos legais e éticos, despertou o interesse da comunidade médica global e de pesquisadores de ciências sociais. Estudos comparativos e revisões de protocolos passaram a ser publicados, impulsionando um movimento de atualização e padronização das práticas cirúrgicas em diversas nações.

A reação internacional favoreceu a criação de redes de colaboração, visando a troca de experiências e o desenvolvimento de abordagens multidisciplinares que respeitem a dignidade e a autonomia dos pacientes trans. Dessa forma, o caso de Valdirene e a condenação do Dr. Farina permaneceram como marcos que contribuíram para a evolução dos direitos humanos na área da saúde, destacam Chaves De Jesus Bertolino (2022).

Teixeira (2013) aborda o Processo Transsexualizador (PT) na esfera da linguagem do discurso, da Antropologia em aspectos da etnografia microssocial de espaços como os postos de saúde onde as pessoas trans são atendidas por médicos de todas as especialidades e o cuidado em nomear corretamente o sujeito no momento da fala, de chamar no momento da consulta quando é observada por terceiros, para poder entrar na sala do consultório, com recomendações e evitar situações vexatórias que ocorrem contra as pessoas transgêneras em unidades de saúde onde instituições e profissionais pouco se importam em identificar e chamar a pessoa pelo seu nome social, como as perguntas devem ser feitas, a sensibilidade e o compromisso de saber e aprender o tom da fala, do riso, do papel do profissional no âmbito da saúde de pessoas trans.

A descentralização dos procedimentos auxilia no atendimento de pessoas que aguardam, inclusive nos Hospitais das clínicas (HCs), que ainda são poucos ao comparar à demanda que existe por estes serviços, visto que não é somente a busca de cirurgias de redesignação sexual que é procurada, e sim outros tipos de intervenções, como a colocação de próteses de silicone, hormonioterapia ou auxílio psicológico para identificar o que acontece consigo mesma(o). Logo, a inter-relação de pessoa analisada e analisada por psicólogos tende a ser positiva quando há ajuda mútua entre si.

No transcórrer da obra Orlando de Woolf (2021) e Preciado (2023), a transição de sexo em nada muda o corpo de Orlando, ele é o que sempre foi, conforme a natureza das

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

coisas, é a natureza que fez esta modificação e, sendo a natureza, deve ser aceita como é, da forma que é. Suas vestes, após a transição, são unissex. Ao final, ao se casar com um marinheiro que viaja sempre ao *Cabo Horn*, percebe-se Orlando com vestidos.

Preciado (2023) se autodefine no documentário em conjunto com outras pessoas transgêneras e não binárias, de que a indústria da farmacologia ganhou e vem ganhando espaço na venda de hormônios para pessoas trans e que a discriminação não compreendida por muitos, onde se pode destacar países de forte tendência política de direita, pouco reconhece e impõe que a sociedade se liberte destas pessoas, um sonho que é real ao agressor em seu ato de fala e nas consequências destes.

Sem haver melhoria com a saúde, com a educação, com saneamento básico ou com as mudanças climáticas, a ideologia de gênero, termo cunhado por países que possuem força na adesão de discursos de ódio contra as minorias, tem na sexualidade do outro seu *time* de perseguição. Afinal, o que as pessoas trans, não binárias, fazem de tanto mal aos políticos de extrema-direita e seus apoiadores ideólogos? Seria uma forma de escape para não propor nada de produtivo para a sociedade, para seu bem-estar e perseguir as pessoas trans somente por existirem com discurso de ódio, da mesma forma que encontramos estes discursos em igrejas e por pessoas da sociedade civil e pelo Estado? Qual é o problema de se identificar uma pessoa trans, acolhê-la e que as mesmas possam ter sua vida em liberdade conforme suas próprias vontades e convicções? (Toni Junior, 2024).

Chama a atenção do ouvinte que há em Preciado (2023), diferentemente do livro de Woolf (2021), 'Crianças Trans', onde o papel é mostrar à sociedade que a identidade e a expressão de gênero podem ocorrer antes da maioridade. Tema este que Saadeh *et al.* (2019) perceberam, ao notar que havia uma demanda crescente de adolescentes em busca de acolhimento hormonal e da intitulada disforia de gênero, criaram um ambulatório denominado Amtigos, junto ao HC-SP, para cuidar somente de faixa etária antes de complementar a maioridade.

Os pais das crianças vinham ao local e se sentiam desorientados no que fazer para melhorar a qualidade de vida psíquica de seus filhos quando percebem que não se identificam com o gênero de nascimento, afirma Saadeh *et al.* (2019).



Neste caso, os pais são orientados também por uma equipe especializada no cuidado aos adolescentes trans e, com a concordância destes ou de responsáveis pelo menor, a adoção do início da ingestão ou no bloqueio de hormônios para definir os caracteres secundários do adolescente trans, sendo ainda vedado a transição de gênero para menores de 18 anos no Brasil.

Explica que as sessões psicoterápicas e médicas são individualizadas, ou seja, estuda com cuidado as especificidades de cada pessoa na sua singularidade, se é algo passageiro ou se deve continuar o acolhimento. Muitas vezes na adolescência, muitos jovens acham que são pessoas trans e, sem estar no isolamento de suas casas com a dúvida, possuem a possibilidade de se autodescobrir com ajuda técnica especializada, inclusive percebendo que o que achava que era não se concretizou de fato, parando com a hormonoterapia, podendo inclusive ser uma questão de autoestima, de se conhecer a si, quando as famílias não dialogam.

Fato similar neste período, em que qualquer pessoa que tentou vir ao Brasil no período da recessão moral de 2018–2022, como Judith Butler (2024), foi ofendida agressivamente e pseudoagredida nas vias de fato por apoiadores do ex-presidente por estar abordando seus temas em local onde foi convidada para ministrar cursos e palestras. Afinal, por que este medo do gênero que tanto atinge os nervos da extrema-direita? Ao comparar Butler a uma esfinge e se manifestar contra seu trabalho, o trabalho de Butler, a imagem do Brasil ficou pejorativamente negativa diplomacia internacional.

#### **4.2 Instrumentos jurídicos de resistência contra a transfobia e as novas relações sociais**

Podemos citar a ADO26 que equipara a transfobia ao crime de racismo de 2019 e, em agosto de 2023, por meio dos embargos de declaração do Mandado de Injunção (MI 4.733), em que equipara as ofensas verbais ao delito de injúria racial nos mesmos dispositivos as pessoas negras, junto ao STF, no positivismo legal da Lei 14.532/2023, que majora a injúria racial como crime imprescritível e inafiançável (Brasil, 2023).

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

O Mandado de Injunção (4733), de acordo com a Justiça (2021), foi uma ação conduzida visando suprir a omissão legislativa quanto à garantia dos direitos das pessoas trans, buscando orientar a administração pública quanto à implementação de medidas que assegurem o exercício pleno desses direitos, dentre eles: para os tribunais e órgãos administrativos, onde a decisão serviu de parâmetro para que instâncias judiciais e órgãos do Estado adotem práticas que evitem discriminações e garantam o respeito à identidade de gênero nas relações cotidianas e nos registros oficiais.

Bem como o fortalecimento do Acesso à Justiça: ao reconhecer a necessidade de uma intervenção jurisdicional para reparar a omissão legislativa, o STF reafirmou a importância de instrumentos processuais que garantam a efetividade dos direitos constitucionais à população trans.

Para Fachin, sobre o Mandado de Injunção 4.733:

[...] que uma interpretação hermenêutica que restringe a aplicação de uma decisão — e, no caso, mantém desamparadas as vítimas de racismo transfóbico — “contraria não somente o acórdão embargado, mas toda a sistemática constitucional”. Ministro Edson Fachin. Supremo Tribunal Federal (Justiça, 2023).

Na ADO 26, houve o reconhecimento da identidade de gênero, onde o julgamento reafirmou o direito dos indivíduos trans de terem sua identidade de gênero reconhecida em documentos oficiais, sem a imposição de procedimentos invasivos ou a necessidade de realização de cirurgias, onde podemos citar a desburocratização dos procedimentos, onde o entendimento firmado pelo STF incentivou uma revisão nas exigências administrativas, promovendo uma via mais célere e humanizada para a alteração de registro civil e na proteção constitucional (Justiça, 2019).

Ao basear a decisão nos princípios constitucionais da igualdade e da dignidade da pessoa humana, a decisão tornou-se um marco de proteção aos direitos fundamentais, reforçando que a omissão legislativa não pode prejudicar a efetivação desses direitos.

As decisões referentes à ADO 26 e à MI 4733 tiveram reflexos profundos na sociedade brasileira, contribuindo para a consolidação de direitos e para a promoção de uma cultura de respeito à diversidade. Dentre os principais impactos, destacam-se: a

**LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF**

validação legal da identidade, onde o reconhecimento jurídico da identidade de gênero possibilitou que pessoas trans se vissem refletidas no ordenamento jurídico, promovendo segurança e dignidade no acesso a documentos oficiais e serviços públicos.

Avanço na inclusão social destaca como o enfraquecimento de barreiras burocráticas fez com que a população trans passasse a contar com mecanismos mais eficazes para a afirmação de sua identidade, o que contribuiu para diminuir o estigma e fomentar uma maior inclusão social. Redução da discriminação pela interpretação constitucional adotada pelo STF enfatizou que a discriminação baseada na identidade de gênero é incompatível com os direitos fundamentais, servindo de referência para outras esferas do poder público e da sociedade. O Ministro Celso de Mello destaca a relação da homotransfobia com questões sociais, institucionais e religiosas, no sentido de haver reflexos nas políticas públicas, onde as orientações dos julgados influenciaram a elaboração e a revisão de políticas públicas voltadas à população LGBTQIA+, incentivando ações afirmativas e o desenvolvimento de programas voltados à promoção da igualdade de direitos.

A interseção entre a teoria foucaultiana (2021) e a narrativa de Woolf (2021) revela o arquivo como um campo de resistência, onde o saber-poder não se restringe à opressão, mas é uma rede de discursos em constante disputa. Essa análise menciona que a escrita inovadora de Woolf, aliada às transformações de figuras representativas, desafia a rigidez das normas sociais e abre espaço para novas possibilidades identitárias no diálogo interdisciplinar discursivo.

Para Stryker (2014), um dos elementos centrais na reflexão sobre o corpo contemporâneo é a noção de biopolítica, que, conforme discutido em estudos inspirados pelo pensamento de Foucault (2021), analisa a dinâmica de inclusão e exclusão que incide sobre os corpos. Em *História da Sexualidade I*, Foucault (2020a) delinea como os mecanismos de poder regulam os corpos, definindo o que é permitido e o que é marginalizado. Ao articular essa perspectiva com a obra de Woolf (2021), evidencia-se que o “corpo indesejado” é tanto alvo quanto instrumento de contestação. Exemplos históricos de transformação e resistência, como Lili Elbe, Christine Jorgensen e Valdirene, ilustram como essas narrativas desafiam os padrões normativos e contribuem

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

para novas concepções de identidade, identificadas no trabalho de D’urso (2019), na desobediência do sistema que oprime.

Essa análise revela que a intersecção entre teoria e narrativa gera um espaço propício para a contestação de normativas, evidenciando a necessidade de revisitar e ressignificar o corpo em tempos contemporâneos.

Em uma era marcada pelas transformações radicais nas formas de comunicação e pelas exigências de reconhecimento da diversidade, os arquivos discursivos se configuram como espaços de memória e resistência. A interposição dos discursos, ilustrada por Woolf e Foucault (2022), demonstra que os arquivos são arenas abertas à contestação e à renovação. O reconhecimento de que os discursos tradicionais sobre o corpo – impregnados de saber-poder – têm, historicamente, contribuído para a exclusão e a marginalização de grupos minoritários torna urgente o processo de ressignificação.

Nesta perspectiva, ao interpor diferentes gêneros discursivos, promove-se uma renovação estética e a abertura de um campo de diálogo entre o passado e o presente, entre o local e o global, e entre a experiência vivida e os discursos teóricos. A criação de novos arquivos, através da acontecimentalização, revela o potencial da literatura como dispositivo de resistência, transformando narrativas pessoais em instrumentos de luta social.

As experiências de transição de gênero de Lili Elbe e Christine Jorgensen na “vida real” para Docter (2013) interconectam-se na diversidade e exemplificam a subversão dos discursos normativos, ao desobedecer o sistema imposto, detalhando as complexidades do processo de mudança de sexo, especialmente o aspecto do sono como espaço de transformação e autocontrole. Essa união de narrativas ilustra a luta por reconhecimento e os desafios enfrentados perante a sociedade.

As descobertas de novas formas de interconectar as pessoas trans na dimensão de direitos difusos e constitucionais, indicam a necessidade de uma política cultural que reconheça a importância dos arquivos discursivos e promova a inclusão dos corpos considerados “indesejáveis”, integrando conhecimentos tradicionais e aportes teóricos para fomentar uma verdadeira mudança social.

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

Este alinhamento pode facilitar um ambiente onde as vozes antes silenciadas possam ser efetivamente ouvidas e valorizadas, dentre elas a dignidade em conseguir um emprego, o que para muitos é algo simples. Para pessoas trans, a invisibilidade histórica não tão distante coloca barreiras para esta conquista, porém, pela resistência de projetos como os impactos gerados pela ONG Transempregos, podem ser percebidos em diversas dimensões. A organização contribuiu para a redução dos índices de desemprego e subemprego entre pessoas trans, promovendo a autonomia financeira e o empoderamento individual. Em termos sociais, a visibilidade e o reconhecimento das experiências trans passaram a ocupar um espaço mais central nas discussões sobre direitos humanos e igualdade de oportunidades (Rocha, 2017).

Do ponto de vista científico, estudos de caso e análises qualitativas realizadas por pesquisadores indicam uma correlação positiva entre as iniciativas promovidas pela ONG e a melhoria na autoestima, na segurança e no bem-estar das pessoas trans. Tais resultados reforçam a importância de políticas públicas inclusivas e da atuação de organizações da sociedade civil como agentes de transformação.

Apesar dos avanços alcançados, a inserção de pessoas trans no mercado de trabalho, ainda enfrenta barreiras estruturais e culturais. A persistência de estigmas e a resistência em promover ambientes corporativos verdadeiramente inclusivos apontam para a necessidade de continuidade nas ações de sensibilização e reforma institucional. Além disso, a ampliação de parcerias estratégicas e a incorporação de tecnologias emergentes podem potencializar o alcance e o impacto das iniciativas desenvolvidas pela ONG.

As perspectivas futuras envolvem a expansão dos programas de capacitação, a intensificação das práticas de produção de pesquisas que evidenciem novas dimensões da luta pelos direitos das pessoas trans. A continuidade desse trabalho é essencial para a consolidação de uma indústria de trabalho que abrace a diversidade como um valor fundamental, um continuísmo deste trabalho é a implementação de cotas para pessoas trans em concursos públicos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da obra de Virginia Woolf e, especificamente, na parte final do filme de Preciado, "Orlando, minha biografia política", as figuras de Lili Elbe, Christine Jorgensen e Valdirene podem ser a representação de diversos Orlandos, onde a ficção encarna a realidade.

Lili Elbe, uma das primeiras pessoas a realizar uma cirurgia de redesignação sexual, simboliza a transição e a complexidade inerente ao processo de se reconectar com uma identidade autêntica que transcende as categorias tradicionais de gênero. Christine Jorgensen representa, por sua vez, a visibilidade e a coragem necessárias para romper com os padrões impostos pela sociedade, abrindo caminho para uma nova compreensão das questões de identidade e pertencimento.

Já Valdirene assume um papel que ecoa a pluralidade e a fluidez que caracterizam Orlando, em país como o Brasil que na década de 1970, ainda estigmatizava cirurgias de autoafirmação de gênero, quando o mundo ocidental a reconhecia como legítima, criminalizando e perseguindo pessoas, sejam elas médicos, especialistas ou pessoas interessadas em fazer as cirurgias, pela censura ou pelo deboche, o que desacreditava outros médicos a estudar esta especialidade, pelo medo e perda de credibilidade com outros pacientes não transgêneros pois não apenas realizava cirurgias de gênero e sim outras, enfatizando que a experiência de gênero pode ser vivida de maneira diversa e multifacetada. Assim, através desses personagens, Preciado (2023) evidencia a importância da pluralidade de experiências e a constante reinvenção do ser, elementos centrais tanto na narrativa de Woolf (2021) quanto na audiovisualidade de Preciado (2023).

A partir da análise foucaultiana (2021) dos casos de Lili Elbe, Christine Jorgensen e Valdirene, este artigo demonstrou que os processos de construção dos discursos sobre gênero e sexualidade são marcados pela dinâmica entre poder e saber. A emergência de identidades trans e a visibilidade dessas vivências desafiam as normas tradicionais e

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

impõem a necessidade de reconfigurar os modos de pensar o corpo, a subjetividade e a relação do indivíduo com as instituições.

Embora cada um dos casos analisados possua particularidades históricas e culturais – Lili Elbe e Christine Jorgensen representando momentos de ruptura em contextos europeus e norte-americanos, e Valdirene refletindo as especificidades do cenário brasileiro – há convergências significativas quanto à resistência contra a dominação das normas hegemônicas.

Os discursos que emergem desses episódios questionam a rigidez do binarismo de gênero, e apontam para a importância de uma nova metodologia de análise que incorpore a pluralidade, a diferença e a fluidez inerentes às práticas sexuais e identitárias.

A análise da pluralidade e da fluidez das identidades de gênero nos leva a reconhecer a relevância atual desses debates no contexto dos movimentos trans. À medida que as sociedades se tornam mais conscientes e inclusivas, é importante que continuemos a questionar e redefinir as normas de gênero, promovendo um espaço onde todas as experiências possam ser validadas. Essa reflexão não apenas enriquece o diálogo social, mas também fomenta ações que possam conduzir a mudanças significativas e necessárias.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRANS E INTERSEXUAIS (ILGA). *Ilga Words maps 2025*. Genebra. Switzerland, 2025. Disponível em: <https://ilga.org/ilga-world-maps/>. Acesso: 15. abr. 2025.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo*. Sexualidade e gênero na experiência transexual: Ed. Deveres. Simões Filho, 2021

BENEVIDES, Bruna G. Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). *Dossiê 2024*. Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>. Acesso: 04. fev. 2025.

BORBA, Rodrigo. *O (Des)aprendizado de si: transexualidades, interação e cuidado em saúde*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2016.

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) . Acesso: 10. dez. 2022.

BRASIL. *Lei 14.532 de 11 de janeiro de 2023*. 2023 Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2023/lei/114532.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114532.htm) . Acesso: 06. mar. 2023.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo de gênero?* Trad. Heci Regina Candini. São Paulo: Ed. Boitempo, 2024.

CAPRIOLI, Mariana da Silva. *Análise do discurso literário: proposta de metodologia no processo de análise documental de textos narrativos de ficção*, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/114462e2-f729-404b-b17c-0dcc0010aac0>. Acesso: 14. Fev.2022.

CHAVES, Leocádia Aparecida; DE JESUS BERTOLINO, Linda Maria. Eu experimentei, eu vivi, eu estava lá: sentimentos do cárcere em Meu corpo, minha prisão. *Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 38, p. 47-63, 2022. Disponível em: <https://www.revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/861/548>. Acesso: 15. fev. 2023.

DE CARVALHO, Diego Souza. Trans-políticas em trans-contextos: transexualidade, clínica e identidades. *Século XXI–Revista de Ciências Sociais*, v. 4, n. 2, p. 65-90, 2014. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5902/2236672517038>. Acesso: 14. set. 2023.

DE LIMA CARVALHO, Mario Felipe; DE MENEZES, Moisés Santos. *Violência e saúde na vida de pessoas LGBTI*. SciELO -Editora FIOCRUZ, 2021.

DOCTER, Richard. *Becoming a woman: A biography of Christine Jorgensen*. Routledge, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203057599>. Acesso: 12. ago.2022.

D'URSO, Flavia. DESOBEDECER, de Frédéric Gros. *PoliÉtica. Revista de Ética e Filosofia Política*, v. 7, n. 2, p. 256-261, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/2318-3160.2019v7i2a12> . Acesso: 12. mar. 2022.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Emantina. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V. Ética, sexualidade e política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês A.D. Barbosa. Ed. Forense Universitária. São Paulo, 2012.



LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A sociedade punitiva*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 2020a.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade IV: As confissões da carne*. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 2020b.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2021

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2022.

JUSTIÇA. Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO 26). 2019. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=4515053>. Acesso em: 15 set. 2023.

JUSTIÇA. STF equipara ofensas contra pessoas LGBTQIAPN+ a crime de injúria racial. Mandado de Injunção (MI 4.733). Embargos de Declaração, 2021. Disponível em: > <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=4239576><. Acesso: 12. Mar. 2024.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*: Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2020.

MORALES, Ana Isabel Guzmán. Gerda Wegener y Lili Elbe: dos chicas danesas. *cadernos pagu*, n. 65, p. e226507, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202200650007>. Acesso: 11. jul. 2022.

MATTHYSE, Liberty. Achieving gender equality by 2030: Transgender equality in relation to Sustainable Development Goal 5. *Agenda*, v. 34, n. 1, p. 124-132, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10130950.2020.1744336>. Acesso: 12. Fev.2022.

PRECIADO. Paul, B. Orlando, My Political Biography. *French documentary film directed by Paul B. Preciado*. Production Companies. Les Films Poisson. France, 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13592272/>. Acesso: 02. mar. 2025.

RODRIGUES, Carla. *O luto entre clínica e política*. Judith Butler para além do gênero. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2021.

RODRIGUES, Liliana; CARNEIRO, Nuno Santos; NOGUEIRA, Conceição. História das abordagens científicas, médicas e psicológicas sobre as transexualidades e suas aproximações críticas. *Saúde e Sociedade*, v. 30, p. e200768, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2021.v30n2/e200768/pt/>. Acesso: 12. jan. 2022

SAADEH, Alexandre (Organizador). *Como lidar com a disforia de gênero* (transexualidade). Guia prático para pacientes, familiares e profissionais de saúde. São Paulo: Ed. Hogrefe, 2019.

STOLLER, Robert. *Perversão*. A forma erótica do ódio. Trad. Maria Lopes da Silva. Ed. Hedra. São Paulo, 2018.

VENTURA, Miriam. *A transexualidade no tribunal: saúde e cidadania*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. Rio de Janeiro, 2010.

WOOLF, Virginia. *Orlando*. Uma biografia. Trad. Eliane Fittipaldi Pereira e Katia Maria Orbeg. Ed. Martins Claret. São Paulo, 2021.

ROCHA, Márcia. Diversidade sexual e empregabilidade, preconceito, desafios e soluções para a isonomia: o projeto TransEmpregos. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 28, n. 2, p. 82-86, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v28i2.27>. Acesso: 10. jan. 2022.

SARTORI, Thiago Luiz. A efetivação dos Direitos Humanos Transempregos. In: *Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra*. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/1163602.7-290>. Acesso: 05. mar. 2023.

STRYKER, Susan. Biopolitics. *Transgender Studies Quarterly*, v. 1, n. 1-2, p. 38-42, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/23289252-2399542>. Acesso: 12. abr. 2024.

TEIXEIRA, Flávia. *Dispositivos de dor: saberes-poderes que (con)formam as transexualidades*. São Paulo: Ed. Anablume, 2013.

TONI JUNIOR, Claudio Noel de. *Lutas discursivas em torno do corpo: a construção social da subjetividade transexual*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/485e0b30-5f06-4305-ab27-4eb45c65aaae/content>. Acesso: 04. abr. 2025.

TRANGENDER EUROPE. (TGEU). *Trans Rights Index & Map 2025: The new trans tipping point and Europe's struggle for self-determination*. Berlim, 2025. Disponível em: <https://tgeu.org/?s=&topic=intersectionality>. Acesso: 12. set. 2024.

VIDLER, Anthony; FOUCAULT, Michel; JOHNSTON, Pamela. Heterotopias. *AA files*, n. 69, p. 18-22, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43202545>. Acesso: 15. jul. 2022.

LILI ELBE, CHRISTINE JORGENSEN E VALDIRENE  
SÃO ORLANDOS DE VIRGINIA WOOLF

WATKINS, Sophie. *The Language of LGBT Asylum Discrimination: In a Globalized Age*, 2023. Disponível em: <https://repository.rit.edu/student/27/>. Acesso: 12. Fev.2022.

**Autor Correspondente:**

Claudio Noel de Toni Junior

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Av. Feijó, 1244 - Centro, Araraquara/SP, Brasil CEP 14801-140

[juniortoni100@gmail.com](mailto:juniortoni100@gmail.com)

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons

